

O ENRIQUECIMENTO DA METAÉTICA TOMISTA NOS ESTUDOS DO CARDEAL KAROL WOJTYLA *.

Wojciech Bogusław Szczesny

Resumo: O artigo trata da metaética desenvolvida e adotada pelo pensamento de Karol Wojtyła, com fundamento na obra de Santo Tomás de Aquino. Também critica, com base no mesmo pensamento, outras propostas éticas, como as de Scheler e Kant, dentre outros. Demonstra ainda o enriquecimento da metaética desenvolvida por Wojtyła no que diz respeito à metodologia e à hermenêutica da ética tomista.

Palavras-chave: Metaética; Ética tomista; Karol Wojtyła.

Abstract: This paper treats on the metaethic developed and adopted by the Thought of Karol Wojtyła, based on the Work of Saint Thomas Aquinas. It also criticizes, using the same Thought, other Ethical proposes, as Scheler's and Kant's ones, among others. It demonstrates the enrichment of Metaethic in what concerns about Methodology and Hermeneutics in Thomistic Ethics.

Keywords: Metaethic; Thomistic Ethics; Karol Wojtyła.

Há um tomismo criativo e um tomismo reprodutivo. Este consiste numa exposição fiel, metodicamente ordenada, do pensamento de Santo Tomás de Aquino, baseada na análise científica dos escritos deste Doutor. O tomismo criativo procura desenvolver e aprofundar essa doutrina seja tomando por ponto de partida os princípios da doutrina de Santo Tomás para deduzir conclusões novas, conformes os princípios de Santo Tomás, mas correspondendo às necessidades e às questões do espírito contemporâneo (tomismo dedutivo) -, seja imitando o método de Santo Tomás, fundado na aplicação da exploração intelectual dos dados da experiência, tomando por ponto de partida precisamente estes dados reais e objetivos com vistas a chegar aos princípios do Santo Doutor, bem desenvolvidos, aprofundados e atualizados (tomismo redutivo).

O tomismo do Cardeal Karol Wojtyła é sobretudo criativo do tipo redutivo, se bem que o nosso autor tenha escrito alguns artigos onde expõe

* Artigo publicado originalmente em SZCZESNY, W. B. *L'enrichissement de la Mataphisique thomiste dans les études du Cardinal Karol Wojtyła*. In *Atti dell' VIII Congresso Tomistico Internazionale. Vol. VI: Morale e Diritto nella prospettiva tomistica*. Cidade do Vaticano: Pontificia Accademia di S. Tommaso e di Religione Cattolica; Libreria Editrice Vaticana, 1982, pp. 98-103 Tradução do original francês por Daniel Nunes Pêcego.

fielmente a doutrina do Santo Doutor de Aquino. No entanto, em geral, se movendo sobre o terreno da filosofia do ser, ele toma como ponto de partida a realidade concreta, dada pela experiência, e não as ideias ou as coisas criadas por nosso espírito.

O enriquecimento da metaética tomista foi realizado pelo Cardeal K. Wojtyła: a) na metodologia da ética e, em particular, sobre o aspecto 1) da semântica, 2) da heurística e 3) da aplicação da redução fenomenológica da metaética; b) na hermenêutica da metaética e, especialmente: 1) na axiologia, 2) na teologia e 3) na deontologia tomista.

A. O ENRIQUECIMENTO DA METODOLOGIA TOMISTA NA ÉTICA

a) Sob o aspecto *semântico*: O Cardeal K. Wojtyła jamais define de modo *a priori* os termos utilizados, mas – a exemplo de Santo Tomás – ele leva em conta a etimologia da palavra e fundamenta sua definição sobre as propriedades específicas da realidade designada por este termo.

b) A *heurística* metaética do Cardeal K. Wojtyła é o método analítico aplicado à descoberta da verdade ética à luz da experiência, é um contato cognitivo imediato não apenas dos sentidos, mas, sobretudo, do intelecto com esta realidade existencial que é a moralidade, quer dizer, o bem e o mal moral. Por meio desta experiência, o Autor procura evidenciar os elementos característicos dos atos morais. Ele rejeita duas principais correntes opostas da ética moderna: de um lado, o empirismo radical e sensualista e de outro o formalismo apriorístico de E. Kant¹.

Nosso Autor em suas pesquisas metaéticas, visando uma síntese da filosofia do ser e da consciência, - aplica e desenvolve o método empírico moderado de Santo Tomás, baseado sobre o conteúdo da experiência dos atos morais pessoais e sociais, uma vez que ao nome de moralidade em metaética – enquanto teoria da moral empiricamente autorizada - corresponde uma realidade específica que se revela na experiência, que constitui uma fonte do conhecimento do bem e do mal moral.

No entanto, essa experiência não se limita a um contato sensorial. É muitas vezes uma visão intelectual, uma compreensão do fato experimentado. Essa experiência não se reduz a uma emoção específica – contra a opinião dos emotivistas que afirmam que nenhuma realidade corresponde às apreciações e às normas morais as quais por elas não exprimem senão sentimentos. O erro dos empiristas e dos emotivistas advém da limitação da experiência às funções dos sentidos.

¹ Ver “Das Problem der Erfahrung in der Ethik” in “Sain Thomas d’Aquin pour le septième centenaire de sa mort. Lublin: K.U.L., 1976, pp. 265-288.

c) *A Aplicação da redução fenomenológica à ética.*

No seu livro “*Le système phénoménologique de Max Scheler peut-il être employé comme instrument d’élaboration de l’éthique chrétienne?*” – o Cardeal K. Wojtyła deu uma resposta negativa a essa questão, pela razão de que esse sistema é fundamentado sobre o emotivismo e reduz a moral ao domínio dos valores sentidos e tidos pelo homem, em virtude do que a sua fenomenologia não permite determinar o que é bom e o que é mau no comportamento, o que se deve fazer e o que não se deve fazer.

Todavia, o Cardeal K. Wojtyła reconhece que a metodologia fenomenológica de M. Scheler poderia trazer uma ajuda no trabalho ético, facilitando a análise dos fatos morais por meio da redução fenomenológica, compreendida como uma explicação dos fatos que indicaria e evidenciaria as razões implicitamente contidas na experiência mesma – para conhecer e para objetivar aquilo que é dado imediatamente como alguma coisa de real e não como um produto do intelecto humano.

A redução fenomenológica, que parte da experiência dos fatos para chegar aos seus fundamentos – procura seus fundamentos no interior da experiência especial uma vez que o seu objeto não é redutível às outras realidades da experiência. Esse método fenomenológico do Cardeal K. Wojtyła não abstrai da existência desta realidade que é o valor moral – como fazem os outros fenomenólogos – ela torna visível e esclarece, faz ver melhor e manifesta o conteúdo da experiência da moralidade: “pondo em parênteses” (mas sem o negar) tudo o que não é essencial ao seu objeto e realizando uma síntese dos dados da experiência interna e externa. Esse método de redução, assim compreendido, não consiste em uma simples descrição, ele é um aprofundamento do conteúdo, porque não trata de uma ideia abstrata, mas de entrar na realidade existente. As razões que a justificam, se encontram na experiência. A redução fenomenológica desemboca finalmente em uma descoberta criadora do mistério insondável do homem e de seu destino.

B. O ENRIQUECIMENTO DA HERMENÊUTICA TOMISTA NA METAÉTICA

A experiência pura não desvela a plenitude de seu conteúdo; na compreensão que comporta ela não revela a não ser parcialmente o conteúdo que devemos interpretar para conhecer: a) aquilo que é o bem e aquilo que é o mal no comportamento humano e b) por que aquilo é o bem ou o mal. A hermenêutica metaética procura dar uma resposta a essas duas questões, porém uma resposta fundamentada sobre a redução e não sobre a dedução, tomando por ponto de partida os dados da experiência. É a tarefa da teoria da moralidade (e não da ciência dos costumes). Essa teoria constitui a base da

ética. Uma explicação completa e imparcial da experiência da moralidade permite ultrapassar o psicologismo, o sociologismo e o idealismo transcendental. A teoria da moralidade contém três introduções principais: a) a axiologia moral, b) a teleologia tomista e c) a deontologia ética.

a) *O enriquecimento da introdução à axiologia moral.* Em oposição à teoria de E. Kant, segundo o qual o núcleo da moral é o dever ou, antes, a obediência ao dever, enquanto que os valores são de pouca importância, e em oposição à teoria de M. Scheler que parece reconhecer apenas os valores e não os deveres, o Cardeal K. Wojtyła põe o acento sobre a dimensão axiológica da pessoa, fonte de valores e de deveres. Ele põe em relevo o caráter objetivo dos valores morais, quer dizer, do bem e do mal do homem, tanto quanto homem, quanto pessoa. O valor fundamental é a ocorrência do ato moralmente bom que contribui para a atualização da personalidade humana. Graças a tal ato, o homem se torna verdadeiramente homem, quer dizer, ser racional, enquanto que o mal moral é a falta de uma tal atualização, o que constitui a causa de uma alienação. Todas essas afirmações do Cardeal K. Wojtyła estão de acordo com os princípios de Santo Tomás, aos quais o filósofo polonês não chega por dedução, mas por redução, tomando como ponto de partida a experiência.

b) *O aprofundamento da teleologia tomista na metaética.* A partir de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino a orientação finalista predominou na ética tradicional. No entanto, a tradução do termo “*eudemonia*” por “felicidade” no sentido de satisfação das necessidades humanas, contribuiu para a difusão do utilitarismo e o hedonismo praticado também por muitos cristãos para os quais o motivo principal de conduta é a esperança da felicidade eterna no céu e o medo do inferno. O Cardeal K. Wojtyła demonstra que tal esperança e tal temor provêm do sentimento da justiça, mas não constituem o motivo principal da moralidade cristã. Esse motivo é precisamente o amor do Bem Supremo. É por isso que a acusação kantiana contra a ética cristã de ser uma ética de interesse não se justifica.

Segundo o Cardeal K. Wojtyła a teleologia e o eudemonismo de Aristóteles foram reformulados completamente por Santo Tomás de Aquino no sentido existencial: o ser é bom por sua existência que constitui sua perfeição radical na medida de sua participação na perfeição infinita do Ser Supremo. É tarefa da razão dirigir os atos humanos. Entretanto, toda direção é orientação de atos para um objetivo determinado. Eis porque o aspecto teleológico é um elemento essencial do valor moral dos atos humanos que constituem a autorealização do homem como homem. Por conseguinte, a moral tem um caráter teleológico, uma vez que essa autorealização é o fim do homem como pessoa e uma vez que a realização do bem moral se efetua pela

tendência em relação a um valor objetivo. Mas a finalidade própria dos valores morais não se identifica sempre com a finalidade dos outros valores objetivos, pois querer o bem e querer ser bom e se tornar bom constituem duas atualizações diferentes da vontade. A ideia da autorealização, bem desenvolvida pelo Cardeal K. Wojtyła em seu livro *“The Acting Person”*², constitui um aprofundamento muito importante da doutrina tomista sobre a felicidade. No entanto, essa autorealização não se limita à vida individual, mas se entrelaça também com a vida social dos homens em razão da ideia da participação existencial e da tendência comum ao bem comum. Mas é preciso tratar sempre as pessoas humanas como sujeitos e não simplesmente como objetos totalmente subordinados à comunidade. Tal subordinação teria por consequência uma desumanização e uma alienação dos homens.

Ao atuar e estar junto aos outros, os sistemas de referência de ser um vizinho e o de ser um membro de uma comunidade devem, em parte, interpenetrar-se um no outro e, em parte, permanecer mutuamente complementares. Se ocorresse uma separação entre eles na prática atual, isso levaria a uma alienação extrema. A Filosofia dos séculos XIX e XX interpretou corretamente a alienação como a privação do valor que nós aqui definimos como “personalista”, extirpando ou separando o homem de sua própria humanidade. Na esfera do agir do ser “junto ao outro” esse perigo se torna iminente quando a participação na comunidade em si mesma restringe e encobre a participação na humanidade de outros, quando aquela subordinação fundamental do meu próprio bem em relação àquele do meu companheiro, que evidencia a qualidade especificamente humana de qualquer comunidade humana, se torna defeituosa. Nesse sentido, cabe a ele prevenir tais formas de civilização de desenvolver que poderia causar uma influência desumanizadora e provocadora da alienação do indivíduo³

c) *O enriquecimento da deontologia tomista.* A experiência da moralidade comprova a existência do dever moral de cumprir certos atos e de evitar certos comportamentos. A experiência de fatos morais que se exprimem sob a forma da apreciação de valores e, sobretudo, das normas afirmando o que deve ser feito e o que não deve ser feito – é o ponto de partida da ética. Seguindo a linha de raciocínio teleológica, é possível formular as normas praxeológicas que determinam as condições indispensáveis ou suficientes para que a ação garantisse a obtenção do fim e os resultados que esperamos.

Quando esse fim é exigido absolutamente pela racionalidade dos homens e, por conseguinte, por sua natureza humana, o comportamento necessário para chegar a esse fim é o objeto de uma norma categórica e

² WOJTYLA, K. *The Acting Person*. Londres: D. Reidel Publishing Company, 1979.

³ *IBIDEM*, p. 297.

absoluta. Por outro lado, desde que a obtenção desse fim não seja exigida absolutamente pela racionalidade do homem, quer dizer, quando uma ação não é indispensável para obter o fim absolutamente necessário (aquele que dá sentido à existência humana), tudo podendo ser útil para a obtenção deste fim, então, as normas que enunciam o que é preciso realizar ou não realizar tal ação não são categóricas e absolutas, mas hipotéticas e relativas: se quiseres chegar a este ou aquele objetivo, debes realizar este ou aquele comportamento.

A corrente puramente deontológica rejeita a orientação teleológica. A atitude ateleológica caracteriza também o intuicionismo inglês (E. G. Moore) que afirma que os deveres, que expressamos nas normas, constituem o objeto direto da experiência ou da intuição, sem a ajuda de uma indução generalizadora ou de uma dedução.

O Cardeal K. Wojtyła, evitando esses extremos, procura realizar uma integração dos dois aspectos da mesma moralidade, o aspecto axiológico e o aspecto deontológico, sobre a base da experiência, a qual demonstra o caráter absoluto do valor moral. Mas esse caráter absoluto é específico e consiste na oposição absoluta entre o bem e o mal moral:

“O valor fundamental das normas repousa sobre a verdade do bem que elas objetivam e não na geração por si mesmas de deveres”⁴.

O dever moral é uma realidade pessoal, imanente e dinâmica. As normas que o exprimem constituem o fundamento dos valores morais. Eis por que elas não se reduzem a imperativos categóricos, uma vez que o valor das normas consiste na verdade do bem objetivado por elas. Graças a essa verdade, as normas tocam diretamente a consciência moral, a qual transforma essa verdade em dever concreto e real. Mas a consciência não é a legisladora das normas morais, ela não faz mais do que descobri-las. A norma mais fundamental, chamada por nosso autor de “norma personalista”, diz: quando uma pessoa é o objeto da atividade, ela não deve jamais ser tratada como um meio ou como um instrumento; deve ser reconhecida como pessoa que tem ou deve ter o seu próprio fim.

Essa doutrina do Cardeal Karol Wojtyła, a qual ele chega imitando o método de Santo Tomás, fundado sobre a aplicação dos dons da experiência intelectual, constitui o enriquecimento profundo da metaética tomista.

⁴ WOJTYŁA, K. *The Acting Person*. Londres: D. Reidel Publishing Company, 1979, p. 164.